O Caminho para o software nacional
Rodrigo Diniz Mascarenhas

O Brasil ainda necessita de uma política de informática mais clara. É normal ouvirmos comparações entre Brasil e Índia na área de software, sempre destacando o papel de destaque conquistado por aquele país nesse setor, concentrando grandes investimentos de multinacionais que lá implantam centros de desenvolvimento de software, alcançando grandes volumes de exportação.

Embora também considere a trajetória da indústria de software indiana muito importante e até educativa para todos nós, acredito que o caminho para a software made in Brazil seja diferente. Isso porque, ao contrário da Índia, que vem se tornando cada vez mais um pólo para a execução de projetos sob medida e com mão-de-obra barata, o Brasil sempre se destacou pela criatividade de seus profissionais, aliada ao enorme potencial do mercado interno - com suas milhares de médias e pequenas empresas - e às próprias necessidades específicas da indústria nacional, que precisa se adequar constantemente a nossa complexa legislação.

Apesar dessas características positivas para o surgimento e o fomento de uma forte indústria nacional de software, durante muito tempo ouvimos e lemos que o Brasil não seria jamais representativo nesse setor, que seríamos dominados pelas companhias internacionais que produziam seus produtos em outros países, nas grandes potências que dominam a tecnologia e têm dinheiro para investir. A profecia, porém, não se concretizou.

Hoje, após quase 20 anos vivendo esse mercado intensamente, tenho absoluta convicção de que a vocação da indústria brasileira de software é o desenvolvimento de soluções de gestão visando atender não só o mercado interno (onde ainda existe muito espaço), mas também o mercado externo.

Uma prova disso é que várias empresas brasileiras de software já exportam seus produtos para os Estados Unidos e para a Europa, isso sem falar dos países de toda a América Latina. Algumas até já abriram unidades no exterior.

Certamente não somos e nunca seremos grandes criadores de sistemas operacionais, sistemas de rede e softwares voltados para usuários finais como planilhas, processadores de texto, etc. Para isso existe a IBM, a Microsoft, a Novell. Mas na área de gestão empresarial - o chamado "back office" com os sistemas de folha de pagamento, contabilidade, vendas, faturamento, estoque, etc. -, onde o conhecimento das particularidades do Brasil é fundamental, apresentamos grande know-how, desenvoltura (fruto do talento dos empreendedores e dos profissionais brasileiros), e podemos ter grande volume de exportação.

Entretanto, não podemos esquecer dos problemas, pois eles existem e são muitos. Mas como sempre disse meu pai, existem justamente para ser resolvidos. O Brasil ainda necessita de uma política de software mais clara e definida, que incentive não apenas a criação de novas empresas nacionais na área e fomentem o desenvolvimento das companhias já existentes, mas também incorporem esse espírito empreendedor tão característico ao brasileiro para trazer para o País produtores mundiais de software, que passariam a ter aqui centros de desenvolvimento. E o melhor: empregando mão-de-obra local.

Gazeta Mercantil – 9/12/2003